

O FARDÃO AZUL E BRANCO: IDENTIDADES E PERTENCIMENTO ESTUDANTIL EM PERNAMBUCO

Luciano José da Silva

Mestre em Educação, Especialista em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica, Psicopedagogia Institucional, Educação Especial Inclusiva, Atendimento Educacional Especializado (AEE). Graduado em Pedagogia, Letras e Educação Física. Psicanalista Clínico CBO 2515-50. Atua como Professor Regente na Escola Estadual Médico Rui do Rêgo Barros/COTEL e Professor de Atendimento Educacional Especializado na EREM de Paulista ambas da Secretaria de Educação de Pernambuco.

<http://lattes.cnpq.br/9814610621085379>

<https://orcid.org/0000-0002-4021-2046>

E-mail: lucianoghost2018@gmail.com

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2026.V5N1>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2026.V5N1-26>

RESUMO: Este trabalho analisa o fardamento da rede estadual de ensino de Pernambuco, especificamente a icônica camisa azul e branca, como um objeto que transcende a funcionalidade escolar para tornar-se um símbolo de identidades e pertencimento. A pesquisa explora o histórico visual das cores, sua conexão com os símbolos estaduais o papel do uniforme como nivelador socioeconômico no ambiente pedagógico e os simbolismos identitários e artísticos dos estudantes. Através de uma abordagem qualitativa, que inclui a análise de relatos geracionais e fundamentação teórica em autores como Darcy Ribeiro e Pierre Bourdieu. Investigam-se os ritos de passagem, os processos de customização e a memória afetiva vinculada ao “fardão”. Desta forma, verifica-se que o uniforme atua como um dispositivo de cidadania e um patrimônio visual que unifica a juventude pernambucana, reforçando o direito à educação e a presença do estudante no espaço público.

PALAVRAS-CHAVE: Pernambuco. Educação. Uniforme Escolar. Identidade.

THE BLUE AND WHITE UNIFORM: STUDENT IDENTITIES AND BELONGING IN PERNAMBUCO.

ABSTRACT: This study analyzes the school uniform of the Pernambuco state public education system specifically the iconic blue and white shirt as an object that transcends school functionality to become a symbol of identity and belonging. The research explores the visual history of its colors, their connection with state symbols, the role of the uniform as a socioeconomic leveler within the pedagogical environment, and the identity and artistic symbolisms expressed by students. Using a qualitative approach that includes the analysis of generational accounts and theoretical grounding in authors such as Darcy Ribeiro and Pierre Bourdieu, the study investigates rites of passage, customization processes, and the affective memory linked to the so-called “fardão”. Consequently, it is verified that the uniform acts as a citizenship device and a visual heritage that unifies Pernambuco's youth, reinforcing the right to education and the presence of students in public spaces.

KEYWORDS: Pernambuco. Education. School Uniform. Identity.

INTRODUÇÃO

Nas ruas, praças e terminais de integração de Pernambuco, uma mancha cromática se repete com constância quase rítmica: o azul e o branco. Mais do que uma simples vestimenta funcional ou uma imposição burocrática da Secretaria de Educação, o “fardão” da rede estadual tornou-se um dos ícones visuais mais potentes do cotidiano pernambucano.

Ao vestir essa camisa, o jovem não apenas cumpre uma norma institucional, mas assume uma identidade pública que comunica pertencimento, direitos e uma trajetória de resistência. Conforme o autor Pierre Bourdieu (2014), a escola não é apenas um lugar de aprendizado, mas um espaço de produção de identidades e de distinção social.

Desta forma, este trabalho propõe uma análise sobre como esse uniforme transcende a sala de aula, atuando como um nivelador social em um estado marcado por desigualdades e como um símbolo de identidade coletiva que une estudantes do litoral ao sertão sob a mesma paleta de cores.

Assim, o azul e branco deixa de ser meramente uma padronização têxtil para se tornar um objeto de estudo sociológico. Compreender as histórias costuradas nessas peças é entender como o estudante pernambucano se enxerga e é enxergado, transformando um item de vestuário em um símbolo de resistência, cidadania, características e, acima de tudo, de um profundo sentimento de pertencimento ao chão de Pernambuco.

HISTÓRICO VISUAL: A GÊNESE E A CONSOLIDAÇÃO DO AZUL E BRANCO

A escolha das cores da rede estadual de educação de Pernambuco não é aleatória; ela responde a uma lógica de continuidade simbólica e praticidade institucional. Ao contrário de outros estados que alteram as cores de seus uniformes a cada mudança de gestão política, Pernambuco manteve uma consistência que transformou o uniforme em um elemento do Estado, e não de um governo específico.

A influência mais direta para a adoção do azul e branco reside na própria Bandeira de Pernambuco, institucionalizada após a Revolução de 1817. O azul representa o céu e

o branco a paz. Ao transpor essas cores para o uniforme escolar, o Estado cria uma conexão direta entre o ato de estudar e o civismo regional.

O estudante ao vestir a farda, carrega consigo as cores que simbolizam a autonomia e a história política do estado, reforçando um bairrismo educativo que é muito característico da cultura pernambucana.

Historicamente, antes da padronização rigorosa, cada escola tradicional possuía fardamentos muito distintos (como o clássico cáqui ou o branco total com gravatas). A transição para o modelo azul e branco atual visou a criação de uma unidade visual.

- O Azul Marinho: Escolhido por ser uma cor sóbria, que transmite autoridade e seriedade, além de ser visualmente resistente ao uso diário e às lavagens constantes.
- O Branco: Utilizado para trazer leveza e contraste, garantindo a visibilidade do estudante em ambientes urbanos.

Visualmente, a camisa passou por uma simplificação técnica. Décadas passadas o uso de brasões bordados e tecidos de algodão mais pesados, muitas vezes com botões, transitou para uma malha “PV” (poliéster e viscose), conhecida como malha fria, mais adequada ao clima tropical do estado, e a aplicação do brasão do Governo do Estado através da serigrafia ou sublimação.

Essa mudança facilitou a produção em massa e a distribuição gratuita de milhões de unidades anualmente. Atualmente, conforme a Lei Nº 18.531, de 3 de maio de 2024, todo fardamento dos estudantes está sendo produzidos.

De acordo com o filósofo Michel Foucault (1987), o uniforme é uma tecnologia de poder que transforma uma multiplicidade de indivíduos num corpo único e visível.

Segundo a Secretaria de Educação de Pernambuco, as fardas dos estudantes da Rede Estadual estão sendo produzidas nos Polos de Confeções do Agreste de pernambucano, por meio de parceria entre a Secretaria de Educação do Estado (SEE) e a Agência de Desenvolvimento Econômico de Pernambuco (Adepe).

Essa iniciativa é resultado da Lei Estadual nº 18.531/2024, sancionada pelo atual governo (2026), que busca fortalecer a economia local e a valorização da mão de obra regional.

IDENTIDADES E PERTENCIMENTO

O RITO DE PASSAGEM: O RECEBER A FARDA

O ingresso na rede estadual de educação é marcado por um simbolismo físico: a entrega do Kit Escolar, para muitos jovens, receber o fardão azul e branco é o sinal de que a infância ficou para trás e a jornada no Ensino Fundamental Anos Finais e Ensino Médio o pré-universitário ou a formação técnica começou.

Deixa de ser a roupa escolhida pelos pais e passa a ser a “armadura” de um cidadão em formação. Existe uma carga de expectativa e responsabilidade depositada naquele novo conjunto de roupas.

UNIFORMIZAÇÃO E IGUALDADE: O NIVELADOR SOCIAL

Em um estado de grandes contrastes sociais como Pernambuco, o fardão cumpre um papel político silencioso. Dentro dos portões da escola, a camisa azul e branca apaga as marcas de consumo.

Não importa se o estudante mora em uma área nobre ou em uma periferia; visualmente, ambos ocupam o mesmo lugar de direito e dignidade.

Ao eliminar a competição por marcas de roupas, o uniforme permite que a identidade do estudante seja construída pelo seu intelecto, humor e talento, e não pelo seu poder aquisitivo.

O ORGULHO DO FARDÃO: RECONHECIMENTO

Diferente de outros estados onde o uniforme é visto como um peso, em Pernambuco há um fenômeno de exposição da farda. O estudante usa a farda com a cabeça erguida porque ela é seu crachá de cidadania. Isso gera um sentimento de irmandade entre estudantes de escolas diferentes que se reconhecem pelas mesmas cores.

Darcy Ribeiro, Antropólogo e educador brasileiro (1995), informa que a escola pública deve ser um lugar de beleza e de afirmação da dignidade do povo.

A presença do estudante fardado em espaços como shoppings, no Marco Zero ou no transporte público é uma cena onipresente no cotidiano pernambucano. Essa vestimenta atua como uma marca que reconhece o estudante como parte integrante de uma coletividade, gerando um senso de irmandade visual que atravessa as fronteiras entre a escola e a cidade.

A CUSTOMIZAÇÃO: IDENTIDADES

Como o ser humano busca ser único mesmo em grupo, a camisa sofre intervenções. A barra da calça mais justa, a camisa por dentro ou por fora, o uso de casacos de times ou de bandas por cima, e as mochilas cheias de botons.

Essas pequenas modificações são a forma de o jovem dizer: “Eu sou parte do sistema, mas eu ainda sou eu”. É a resistência da moda juvenil dentro da padronização estatal.

A autora Gilda de Mello e Souza (1987), diz que a roupa é o sinal exterior de uma situação social, mas é também a afirmação de uma personalidade que busca se equilibrar entre o grupo e o indivíduo.

Esse equilíbrio se materializa quando o estudante respeita a unidade cromática da rede estadual para garantir seu pertencimento ao grupo, mas, simultaneamente, utiliza acessórios, calçados e customizações sutis para reafirmar sua individualidade e singularidade dentro da massa estudantil.

O DESCARTE E A SAUDADE: O FIM DO CICLO

O destino do fardão revela a profundidade da conexão emocional. No último dia de aula, é tradição o “dia do rabisco”, onde os colegas escrevem mensagens de despedida e assinam seus nomes diretamente no tecido branco da camisa.

Aquela peça deixa de ser uniforme e vira um diário físico. Anos depois, muitos guardam essa camisa no fundo do armário. O que antes era apenas “o fardo de cada dia” torna-se um objeto sagrado que guarda as memórias da juventude, das primeiras paixões e das amizades que o azul e branco ajudou a construir.

Assim, o que se guarda no armário após a formatura não é apenas um pedaço de malha azul e branca, mas um testemunho silencioso de quem o estudante foi e de quem ele se tornou. A farda deixa de ser um uniforme para ser relíquia; um mapa têxtil de um tempo em que o futuro ainda era um rascunho e a escola era o mundo inteiro.

MEMÓRIAS AFETIVAS: RELATOS.

1ª GERAÇÃO: AVÔS

“Na nossa época, a farda era sinônimo de respeito e autoridade. Não era apenas uma camisa, era quase um terno. A gente andava com o sapato impecável e a camisa engomada. Ser aluno de uma escola do Estado era motivo de orgulho para a família inteira, porque significava que você tinha passado em uma seleção difícil. Se você fizesse algo errado na rua fardado, a notícia chegava em casa antes de você. A farda era o nosso sobrenome público” (ex-estudante de 58 anos).

2ª GERAÇÃO: PAIS/MÃES

“A farda era o nosso passaporte. Morávamos longe da escola, então o fardamento era o que nos garantia subir nos ônibus, pagar a passagem com passe estudantil, mostrar a carteira de estudante ao cobrador e circular pela cidade. Lembramos que a gente tinha aquela coisa de querermos ser despojados(as): usávamos a camisa maior que o corpo ou amarrada na cintura. Mas no fundo, a farda era o que nos igualava. Na hora do intervalo, não dava para saber quem tinha dinheiro e quem não tinha. Éramos todos '**os meninos(as) do Estado**'” (ex-estudante 38 anos).

3ª GERAÇÃO: FILHOS(AS)

“Hoje, a farda é mais do que um uniforme; é a nossa identidade visual. Onde quer que a gente vá nos terminais de ônibus ou pelas ruas, aquele azul e branco inconfundível de Pernambuco anuncia: 'é a galera'. Além da praticidade de não precisar escolher roupa todo dia, a gente sempre dá um jeito de imprimir nossa personalidade, seja com um tênis diferente, o casaco do time ou o fone no pescoço. Nos últimos anos, a farda furou a bolha,

viralizou na internet com as dancinhas no TikTok, Kwai e passou a ser reconhecida em todo o Brasil. Mas o momento marcante é no terceiro ano (o Terceirão), quando a camisa vira um mural. A farda se enche de assinaturas, trechos de música e memórias; um troféu que a gente exhibe no Instagram, fecebook e demais redes sociais para mostrar que, finalmente, sobrevivemos ao Ensino Médio, kkk.” (ex-estudante 18 anos).

CONCLUSÃO

Ao percorrer as histórias e as cores da Rede Estadual de Educação de Pernambuco, percebe-se que o “fardão” azul e branco transcende a função de vestuário para se consolidar como um dispositivo de cidadania. No Estado, essa farda alcançou o feito raro de atravessar décadas e governos preservando sua essência simbólica, atuando como um solo comum onde as desigualdades sociais se diluem em prol de uma identidade pautada no convívio e no pertencimento.

A síntese dos relatos estudantis revela que esse patrimônio não é estático; ele é pulsante e adaptável. Se por um lado a farda oferece a praticidade do cotidiano, por outro, ela serve de tela para a subjetividade: manifesta-se no estilo dos acessórios, ganha o mundo através das dancinhas nas redes sociais e se transforma.

No último ano, a camisa vira um grande mural afetivo. Ao ser riscada com assinaturas e versos de despedida, o fardão deixa de ser uniforme para virar relíquia o símbolo físico de quem viveu e venceu a etapa do Ensino Médio.

Em suma, a camisa da escola pública consolida-se como um dos mais potentes patrimônios visuais de Pernambuco. Mais do que um uniforme, ela é a própria bandeira do estado ressignificada, que o jovem escolhe carregar no corpo como um estandarte de sua trajetória. É, em última análise, o símbolo de uma esperança coletiva: a de que, através da educação e da vivência compartilhada sob o azul e o branco, todos os estudantes independentes de sua origem possam habitar o mesmo horizonte de oportunidades.”

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A Reprodução**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.

RIBEIRO, Darcy. **Educação como prioridade**. São Paulo: Global, 2021.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SOUZA, Gilda de Mello e. **O Espírito das Roupas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SITES VISITADOS:

PORTAL EDUCAÇÃO. Fardamento e kit escolar da Rede Estadual de Ensino começam a ser distribuídos para o ano letivo de 2025 – SEE .
<https://portal.educacao.pe.gov.br/fardamento-da-rede-estadual-de-ensino-comeca-a-ser-distribuido-para-o-ano-letivo-de-2025/> . Acessado em 04/01/2026.

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO. **LEI Nº 18.531, de 3 de maio de 2024**. Alepe Legis - Portal da Legislação Estadual de Pernambuco.
<https://legis.alepe.pe.gov.br/texto.aspx?id=77432>. Acessado em 14/01/2026.

Submissão: setembro de 2025. Aceite: outubro de 2025. Publicação: janeiro de 2026.